

ter outra vez 20 ANOS

MUITA COISA MUDOU DESDE 1991, O ANO EM QUE SE LANÇOU A REVISTA PAIS & FILHOS. HOJE, OS JOVENS COM 20 ANOS NÃO IMAGINAM AS VIDAS SEM INTERNET, INVESTEM NA FORMAÇÃO E FICAM EM CASA DOS PAIS, COM MEDO DE SEREM ADULTOS E INDEPENDENTES.

Texto de **Maggie Oliveira**

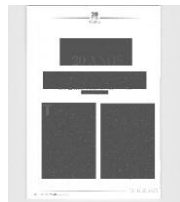
Ter hoje 20 anos é bem diferente do que era há 20 anos. Falar agora do que se vivia em 1991 é muitas vezes para a juventude actual uma espécie de dialecto chinês, com muitas coisas a roçar o ridículo. Pelo contrário, a geração de 40 defende os velhos valores e, embora lamente o precário acesso à informação da altura, quase se atira a dizer que esta é uma juventude perdida. Para tirar as teimas, a Sociologia vem confirmar as mudanças, mas equilibra a balança, defendendo que a evolução dos jovens de hoje em relação aos de há duas décadas tem coisas boas e coisas más.

Falar do que se passava na sociedade dos anos 90 parece um conto tirado de um compêndio de História longínqua, e muitos são os jovens que se afirmam incapazes de ter vivido nessa altura. Apesar de para muita gente os anos 90 estarem aqui tão perto, a juventude actual quase põe esses tempos no mesmo saco dos episódios da série «Conta-me Como Foi». E, contando como era, pode destacar-se que um ano após a queda do Muro de Berlim e um mês após a assinatura, em Maastricht, do Tratado da União Europeia, dava-se a reunificação da Alemanha. O DVD aparecia. Até lá, a animação dava-se com cassetes VHS alugadas em videoclubes, cuja parte mais aborrecida era terem de ser rebobinadas antes de se devolverem à loja. Depois de 28 anos de prisão, Nelson Mandela era eleito na África do Sul, na sequência do fim do apartheid, enquanto os

iraquianos invadiam o Kuwait naquela que hoje muitos estudam como a primeira Guerra do Golfo. Havia depois outras realidades que soltam sorrisos nos mais novos, fazendo com que as gerações mais velhas se sintam como autênticos dinossauros. Isto porque Freddie Mercury, o vocalista dos Queen, ainda era vivo, bem como a princesa Diana ou mesmo Ayrton Senna. Os Guns N' Roses eram considerados como a maior banda de rock do Mundo e Axl Rose era adorado por milhares de jovens. Jovens esses que nessa altura viam entusiasmados nas principais salas de cinema estreias de filmes como Regresso ao Futuro (Parte III), Danças com Lobos ou Pretty Woman. Grandes vozes da pop começavam a surgir, como Céline Dion, Mariah Carey e Whitney Houston.

Ainda na área musical, os jovens dançavam ao recentíssimo estilo grunge, com o aparecimento de bandas como os Nirvana, Pearl Jam, Alice in Chains, Soundgarden ou Stone Temple Pilots. Para terminar este breve retrato, destacar que há 20 anos os jovens viviam sem Playstation, uma vez que a consola só viria a ser lançada no mercado em 1995.

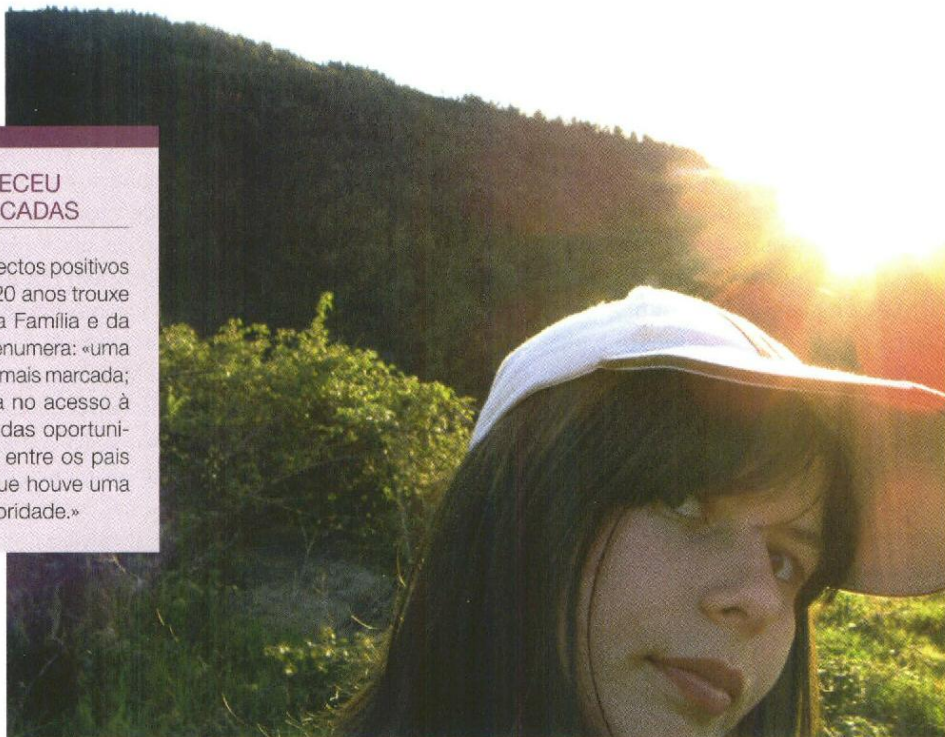
Por aqui dá para perceber que a realidade era bem diferente e Sofia Aboím, socióloga da Família e da Vida Quotidiana, não hesita quando questionada sobre se muita coisa mudou entre esta juventude e a de há 20 anos. «Mudou muita coisa. Aliás, nem precisaríamos de recuar tanto tempo, porque só nos últimos dez anos as mudanças têm sido muitas».



O QUE DE BOM ACONTECEU NAS ÚLTIMAS DUAS DÉCADAS

Fazendo um resumo dos aspectos positivos que a evolução dos últimos 20 anos trouxe à sociedade, a socióloga da Família e da Vida Quotidiana Sofia Aboím enumera: «uma busca de auto-conhecimento mais marcada; uma melhoria muito positiva no acesso à informação; o alargamento das oportunidades; e a democratização entre os pais e os filhos, no sentido em que houve uma melhoria no exercício da autoridade.»

Sónia Pereira,
20 anos. Está
no 3º ano de Biologia.



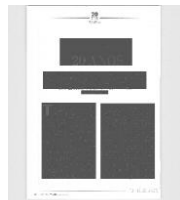
OS ETERNOS JOVENS-ESTUDANTES

«Estou no terceiro ano de Biologia na Universidade de Aveiro», começa por dizer Sónia Pereira, de 20 anos, acrescentando logo de seguida que ainda não pensou muito bem nas questões do emprego. «Não quero pensar nisso agora porque se torna numa situação muito angustiante. Para já estou a tirar o meu curso e depois logo se vê». A jovem, que abandonou a aldeia de Vila Cova, em Vila Real, para ir estudar para a cidade, é apenas um dos muitos casos de estudantes do ensino superior que não faz ideia de quando vai chegar a hora para deixar de estudar e dar por terminada a sua formação. Hoje, acaba-se a licenciatura, parte-se para o mestrado e com espírito perseverante segue-se para o doutoramento. A ideia que se tem é que são eternos estudantes, envolvidos numa espiral sem fim. E esta não é uma ideia errada. Como sublinha a socióloga Sofia Aboím, é precisamente a partir de 1990 que se verifica o aumento da população universitária, retardando desta forma a entrada no mercado de trabalho. Este maior investimento na formação não implica a entrada mais facilitada no primeiro emprego, uma vez que há mais desemprego. «Mas mesmo sem boas expectativas, ter hoje uma licenciatura é sempre melhor do que o abandono escolar, que continua a ser uma situação mais grave».

Especializada na área da Educação, Maria Manuel Vieira, socióloga e investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, confirma que a frequência de um curso superior continua a potenciar um leque mais alargado de oportunidades de desempenho profissional (mesmo que no médio prazo) e gera disposições mais propícias à aprendizagem ao longo da vida – «no que constitui hoje, também, um requisito indispensável à empregabilidade».

De facto, segundo esta socióloga, «os diplomas de estudos mais avançados generalizaram-se bastante mais, retirando alguma da raridade relativa de que gozavam os seus detentores». Mas acrescenta que não se pode falar ainda de massificação dos diplomas de ensino superior em Portugal. «Na verdade, mais de 50 por cento dos jovens com 20 anos encontram-se já inseridos no mercado de trabalho – ou à procura de emprego. Um terço está no ensino superior, sendo relativamente menor a percentagem daqueles que, com essa idade, ainda frequenta o ensino secundário». Ou seja, «é rigoroso afirmar que ainda hoje uma parte significativa dos jovens com 20 anos já não se encontra a estudar.»

Sofia Aboím destaca mesmo um estudo do INE segundo o qual 16 por cento de jovens entre os 18 e os 30 anos não está à procura do primeiro emprego nem a



estudar. «Não fazem rigorosamente nada», conclui.

Há vinte anos esta realidade era bem distinta e os jovens, embora já começassem a investir em licenciaturas, queriam «despachar-se» dos estudos o mais depressa possível, para poderem começar a trabalhar.

Sandra Silva, de 40 anos, recorda que estava no curso de tradução quando percebeu que tinha feito a escolha errada. «Não gostava do curso e decidi abandonar o ISLA. Comecei então a trabalhar». Mas esta não era a sua estreia no mercado de trabalho, pois, durante os estudos já tinha um *part-time*, uma prática bem comum para que os estudantes, mesmo a viver em casa dos pais, ganhassem alguma autonomia financeira. «Era dinheiro que dava para as minhas roupas, para as saídas, para as minhas coisas». Pedro Ramos, também com 40 anos, seguiu o mesmo objectivo e começou a trabalhar muito cedo. «Optei por um curso de apenas três anos que me dava equivalência ao 12.º ano porque queria começar a trabalhar o mais rapidamente possível. Por essa altura lembro-me que já tinha *part-times* no Verão, mas queria era ter o meu dinheiro, para sair de casa dos meus pais». Especializou-se em Artes Gráficas, área onde passados todos estes anos ainda trabalha.

DESENCANTADOS COM O FUTURO

Hoje, os jovens passam horas nas faculdades, mergulhados em frequências e regradados pelos prazos de entrega de trabalhos. Investem na formação para desenvolverem as suas capacidades cognitivas e têm esperança de que isso lhes garanta um bom trabalho no futuro e boas remunerações. Uma esperança muitas vezes bem ténue. Tanto é que quando ainda estão a estudar nem querem

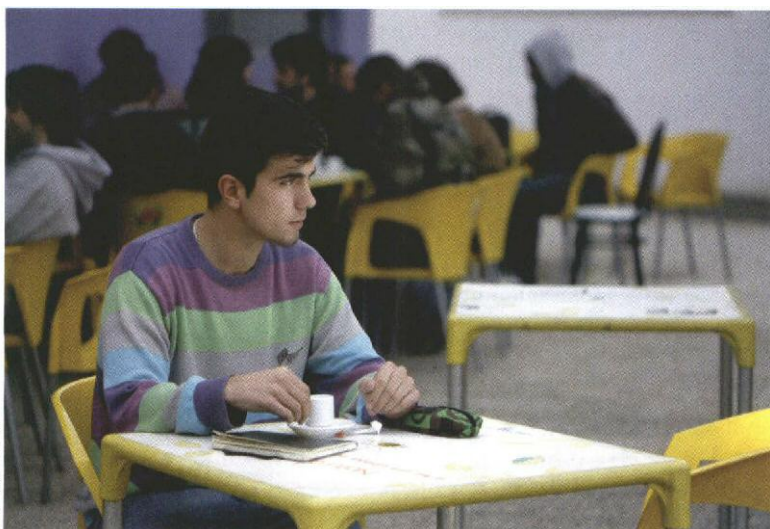
pensar muito nisso. «Prefiro não fazê-lo, para não dar com a cabeça em louca. Sei que vai ser muito difícil, mas nunca se sabe», diz a estudante de Aveiro.

Há depois também quem tenha a vida facilitada. É o caso de Rúben Fernandes, estudante do 1º ano de Arquitectura na Universidade Lusófona de Lisboa, que apesar de estar ainda no início da sua formação superior já trabalha na área porque o pai tem um gabinete de projectos. «Tenho essa sorte e é mesmo muito bom para mim», salienta o estudante de 20 anos, de Lisboa.

A socióloga Maria Manuel Vieira reforça que o quadro das expectativas tem de facto vindo a alterar-se nos últimos anos, «graças à conjugação entre uma maior generalização de diplomas (nomeadamente de ensino superior) entre os mais novos e uma desaceleração da criação de empregos qualificados. E os jovens constituem os principais visados pelo desemprego, dado que a economia não tem vindo a gerar novos postos de trabalho a um ritmo significativo.»

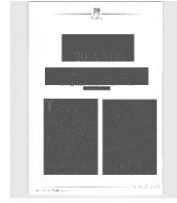
Mas para a investigadora, o problema não está em diplomados a mais – comparativamente com outros países europeus, o nosso número de diplomados é ainda confrangedor – mas em empregos a menos.

Parece inverter-se, assim, a tendência observada ao longo da década de 80 e início de 90 em Portugal, onde o peso do canudo era valioso. «De facto, vários estudos demonstram que a partir de meados dos anos 90 esse elevado diferencial de remuneração dos licenciados face aos restantes empregados começa a reduzir-se», afirma Maria Manuel Vieira. Todos estes factores levam ao fenómeno desta juventude desencantada no futuro, com muitos receios e medos de investirem numa educação que nunca os conseguirá levar a bom porto.



RUI BOTAS

Rúben Fernandes, 1º ano de Arquitectura. Apesar de estar ainda no início da formação, já trabalha porque o pai tem um gabinete de projectos.



Apesar de há vinte anos não terem concluído a formação superior, Pedro Ramos e Sandra Silva estavam certos de que não iria ser complicado começarem a trabalhar nas suas áreas. «Achava que ia ser muito fácil arranjar trabalho. Estava na área da tradução e havia muitas empresas de dobragens a precisar, bem como várias oportunidades nas embaixadas. Nunca me preocupei com isso, para ser sincera», recorda Sandra. Uma angústia que também não passou por Pedro. «Sempre estive muito tranquilo em relação a isso porque sabia que a área gráfica estava em expansão e nunca me arrependi de não ter tirado uma licenciatura.»

Como salienta a socióloga Sofia Aboím, a ideia de encontrar um emprego para a vida desapareceu do vocabulário actual. «Isto não é de agora, é uma tendência que tem vindo a acentuar-se. É o chamado fenómeno iô-iô, já apontado em sociologia, em que as relações, de qualquer tipo, são muito menos fixas, nomeadamente as laborais».

O FENÓMENO CANGURU

Rúben Ferreira, como já se disse, trabalha num gabinete de projectos e, como tal, tem um salário, apesar de ser caloiro na faculdade. Mas o facto de ser financeiramente independente não o alavanca para a entrada na chamada vida adulta. «Ainda moro na casa dos meus pais... não sei... é melhor». Acompanha as declarações com risos.

Esta é uma tendência que se tem vindo a verificar na actualidade. Os jovens saem cada vez mais tarde da casa dos pais. «Há uma grande insegurança em termos de trabalho e dá-se um prolongamento da juventude, que vai para além dos 30. É mais complicado encontrar a estabili-

dade e isso faz com que haja um atraso em o indivíduo se tornar independente e em entrar na vida adulta», defende Sofia Aboím. Mesmo assim, dentro desta temática, a socióloga da família diz que Portugal ainda mantém um modelo tradicional, comparado, por exemplo, com a vizinha Espanha, onde o processo é ainda mais tardio. «Em Portugal, com 24/25 anos, sai-se de casa», diz.

No início da década de 90, aos 20 anos a maioria dos jovens já pensava em construir a sua família. Um objectivo que os levava precisamente a uma busca mais acelerada pela independência económica. «Quería sair de casa e construir a minha vida com a minha namorada, com quem estava há cinco anos, hoje a minha actual mulher», diz Pedro Ramos. Um plano de vida que não faz parte da lista de prioridades da jovem estudante de Aveiro. Questionada se já pensa em juntar-se a alguém, casar, ou ter filhos, Sónia Pereira responde com um desconcertante: «Ui!», revelando que essa é de facto uma realidade muito longínqua. A mesma reacção surge pela boca do estudante de Arquitectura: «Ainda é muito cedo para pensar nisso».

De facto, o prolongamento da formação escolar e a inserção mais tardia dos jovens levam as pessoas a casar-se mais tarde. «Por outro lado, a coabitação generalizou-se entre os jovens e, segundo os últimos dados, 40 por cento das crianças nascem fora do casamento», refere Sofia Aboím. A socióloga faz ainda questão de apontar que em relação há vinte anos, há muito o culto do hedonismo, «a procura pelo prazer imediato».

É nesta luta entre o prazer e as angústias que vivem os jovens nascidos em 1991, o ano em que o primeiro número desta revista saiu para as bancas.



COMO OS QUARENTÕES VÊEM OS JOVENS DE 20 ANOS

«Nós convivíamos mais na rua, não nos fechávamos em casa com as consolas ou com as redes sociais. Profissionalmente, estes são jovens que entram no mercado de trabalho e não são lutadores. Entram a ganhar mal e não querem provar que são bons. Vão-se embora e não dizem nada», **Pedro Ramos, 40 anos.** «Comparativamente à minha geração, vejo-os muito imaturos e pouco responsáveis. Não dão o devido valor às coisas. Eu nem telemóvel tinha. Entendo também que não têm muito respeito, pela família, por exemplo. Nós tínhamos uma vida mais saudável e parávamos muito na rua», **Sandra Silva, 40 anos.**



Área: 1298cm² / 61%

Circulação: 30.767

Tiragem: 33.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3487108